

# MARBLES MARILLON

Recontado por  
**FABIO SOLIMAN**



**mojo**  
BOOKS

**2**  
años  
2006  
2008

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

**Danilo Corci**  
organizador

**mojo**  
BOOKS

---

**MARBLES**  
FABIO SOLIMAN

uma história inspirada por  
**MARBLES**  
MARILLION

---

SÃO PAULO, DEZEMBRO DE 2008  
1ª Edição



COPYRIGHT © 2008 BY FABIO SOLIMAN

PUBLICADO NO BRASIL POR MOJO BOOKS, SÃO PAULO/SP – WWW.MOJOBOKS.COM.BR

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

---

# MARBLES

## FABIO SOLIMAN

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E RICARDO GIASSETTI**

DESIGN: **DELFIN**

REVISÃO: **DANILO CORCI**

CAPA: **MOJO FACTORY**

---



---

## MARBLES

MARILLION

LANÇAMENTO: **2004**  
SELO: **INTACT RECORDS**

---

### PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. The invisible man
2. Marbles I
3. Genie
4. Fantastic place
5. The only unforgivable thing
6. Marbles II
7. Ocean cloud
8. Marbles III
9. The damage
10. Don't hurt yourself
11. You're gone
12. Angelina
13. Drilling holes
14. Marbles IV
15. Neverland



**MARBLES**  
FABIO SOLIMAN

# O HOMEM INVISÍVEL

Lembro de ter ouvido alguém que tentava chamar a minha atenção ao dizer que ninguém sabe do que realmente precisa até realmente encontrar. “Encontrar o quê?”, eu disse, tipicamente mal-humorado, e aquela pessoa continuava tentando me explicar a teoria de que passamos a vida procurando algo que não sabemos. Estava provavelmente bêbado, o coitado, e fiz questão de ignorá-lo. Não acredito em teorias que tentam explicar as razões para que aconteçam algo bom ou ruim na sua vida, senão sofreríamos por opção. A minha opção em evitar o sofrimento foi me tornar um homem que costuma viver à sombra dos acontecimentos, indiferente a qualquer demonstração de carinho ou afeto. Um homem invisível.

Ela riu de mim quando eu comentei a teoria. “Então quer dizer que eu sou aquilo que você sempre procurou e não sabia?”, disse, olhando para mim com aquela cara de boneca e um baseado na mão, o que me irritava profundamente. Estávamos nus, ouvindo alguma música do H, na casa dela, rodeado de taças de vinho e velas. Plano perfeito pra me deixar completamente perdido com relação aos meus sentimentos por ela. “Deixa esse papo pra lá”, eu disse., Ela sorriu calmamente, apagou o baseado num cinzeiro em cima do criado mudo, beijou meus lábios e disse “te adoro” como se eu ouvisse isso todos os dias da boca dela. Ajeitei o meu travesseiro, ela juntou seu rosto próximo ao meu ombro e

fechou os olhos, colocando o braço sobre o meu colo. A música parou no exato momento em que eu apaguei as luzes do quarto, dei-lhe um beijo carinhoso na testa e disse boa noite.

Era a nossa segunda noite juntos. Fechei meus olhos, mas não dormi. Sentir seu corpo nu próximo ao meu era algo que me despertava para algo que eu nunca havia sentido antes. Tocava seu cabelo com a ponta dos dedos, como se fizesse um carinho desprezioso, um agradecimento às suas palavras e seu gesto doce. Ouvia um sussurro vindo dela, que guiava minha entrega aos poucos para juntar-me a ela e, finalmente, dormir.

Acordei mais cedo no dia seguinte. Decidi levar-lhe um café da manhã na cama, pus a roupa, ainda cheirando a fumaça de cigarros, bebidas e suores da noite anterior, e corri pra cozinha. Preparei-lhe o café, com pão e manteiga sem sal. Seleccionei alguns frios que estavam na geladeira, suco de caju *light*, tudo o que eu pudesse encontrar que aparentasse uma refeição matinal, afinal quase não nos conhecíamos pra saber o que ela gostava de comer pela manhã. Pensava em casais saboreando juntos os seus cafés, apaixonados, e me peguei sorrindo como se estivesse acabando de entrar para um clube privado de pessoas felizes e completas. Dirigi-me ao quarto, bati na porta, acordando-a. “Onde você estava?” ela perguntou, até ver em minhas mãos uma bandeja com o café que tinha preparado. Ela sorriu, levantou-se, nua, o que me deixou completamente perdido, arrumou as roupas jogadas pelo chão. Beijou-me a face, pegou a bandeja da minha mão e voltou pra cama. Me olhava com um rosto angelical, puro, o que destoava completamente da noite anterior. Ela tinha dormido uma mulher e acordado uma criança. E eu, encantado, percebia que o homem invisível ganhava cores e sons.



# ANGELINA

Relutei até o último minuto em comparecer àquela maldita viagem de negócios marcada pro interior do estado. “Aproveite pra descansar nos tempos de folga”, diziam os amigos que viam nisso uma oportunidade. Arrumei minha mala, peguei o carro, o mapa e três horas de estrada. O rádio não funcionava no , então aproveitei pra ouvir alguns CDs esquecidos - Marillion, é esse mesmo, duplo, já daria pra mais da metade do percurso. Cheguei à recepção, “reserva para Peter, empresa...”, “preencha este papel, senhor, assine aqui. O seu quarto é o cento e três, não fumante”. “Obrigado, levo eu mesmo a minha mala, não se preocupe, obrigado, obrigado”.

Subi ao meu quarto para preparar o conteúdo da reunião do dia seguinte. O quarto estava vazio, eu estava só, pedi um uísque pra relaxar. A madrugada chegava e eu não conseguia inspiração pra terminar a apresentação. Desci até o bar do hotel, copo vazio nas mãos. “Completa”, disse para o garçom que parecia o Willem Dafoe, só que com sono. Esperei que alguém me ligasse pra perguntar se eu tinha chegado bem, verifiquei se meu celular estava com sinal. Estava. Pensei em ligar pra avisar alguém que estava bem: “Oi, cheguei, o hotel é legal, volto semana que vem. Beijo, tchau”. Mas já era muito tarde pra ligar. Sentia a necessidade de falar com alguém, mas o Willen Dafoe não parecia muito a fim de me dar atenção. Ele atendia uma mulher que se sentou dois bancos à minha esquerda. “Um martíni,

por favor”, disse ela ao garçom. Pegou um cigarro da bolsa, não tinha fogo, olhou pra mim, o que me fez desviar o olhar. Chamou novamente o garçom: “Tem fogo?”, e foi atendida prontamente. Tragou o cigarro, olhou pra mim novamente. Dessa vez não desviei o olhar, e notei que ela usava uma camiseta surrada do Marillion.

“Marillion. Gosta?” pergunto eu, olhando pra sua camiseta. Ela olha para a camiseta, mas não me responde. Começo a olhar pra ela, cabelos escuros longos presos, rosto delicado, gestos delicados. “Gosto das músicas que tocam a minha alma”, responde, assoprando a fumaça do cigarro pro outro lado. Pergunta se eu vim para a tal convenção, eu respondo que sim, e ela já não agüentava mais aquele lugar, queria ir embora, “mas o dinheiro que pagam é bom, fico até a semana que vem”. “Pelo menos teremos companhia, fico uma semana aqui também, e te digo que já não agüento mais mesmo tendo chegado há cinco horas”. Ela riu do meu comentário, eu também e ficamos conversando sobre o nada a madrugada inteira. “Vem ver a Lua”, disse ela. Eu disse para irmos correndo caso contrário iríamos ver o Sol nascendo. Saímos pela porta principal do hotel, olhamos pra Lua cheia, deslumbrante, Lua de outono. “Está tarde, preciso dormir. Te vejo amanhã?” “Sim”, ela respondeu - “E depois e depois...” Rimos e voltamos pra dentro do hotel.

Acordei atrasado para a convenção, mal tinha conseguido dormir graças à noite anterior. Não me lembro de nada que falei ou ouvi, estava completamente ausente. Esperei a noite chegar pra me encontrar com ela de novo. Não sabia nem seu nome, de onde era, nada. Sabia apenas que gostava de músicas que tocavam sua alma. Tomei um banho com a televisão ligada, que falava alguma coisa sobre os atrasos nos aeroportos, o barulho do chuveiro não me permitiu ouvir mais nada. Vesti-me, despropositadamente, e desci pro bar do hotel. Ela

estava lá. Notei que estava diferente desta vez, vestido vermelho, maquiagem, cabelos soltos. Sorriu quando me viu aproximando-se dela. “Já pedi um martíni enquanto te esperava”, disse ela. Aquelas últimas palavras mexeram comigo. Não acreditava que ela me esperara, mesmo não sabendo meu nome. “A propósito, meu nome é Angelina”, falou, como se lesse meu pensamento. “Prazer, Peter”, disse eu, agarrando sua mão e sentando-me ao seu lado. Ela me perguntava coisas sobre minha vida, meu trabalho, meus gostos pessoais, sexo, drogas, *rock n’roll*, enquanto fumava um cigarro. Discutimos livros, música, filmes. Aproximamos-nos pelas semelhanças. “Quero um beijo seu”, falei, e ela me beijou, assim, intenso, impensado. Envergonhados, cada um foi pro seu quarto com a sensação de que, naquela noite, a missão tinha sido cumprida.

A semana já estava no seu último dia quando passamos a noite juntos. “O que os outros hóspedes vão pensar se nos virem assim, tão agarrados?”, sussurrou ela no meu ouvido. Retruquei dizendo que achava que devíamos ir ao meu quarto, afinal não queria espantar ninguém. Subimos, nos beijando, agarrei-a pela cintura quando entramos no meu quarto. Tirei sua roupa e acariciei todo o seu corpo, sentindo sua respiração ofegante no meu ouvido. Deitamos nus, nos abraçamos, tornando-nos um só corpo. Sentia aquele momento especial, me entreguei como ela se entregou a mim, inesquecível. Gozamos, exaustos, felizes, e ela disse que gostaria muito de me ver novamente quando voltássemos à vida normal. Ela confessou que me via como alguém especial. “Sim”, eu disse, “vamos nos ver sim. Nos falamos, prometo”.

Despedi-me dela no dia seguinte. Peguei minha mala, pus no carro, mapa, viagem de volta de três horas, CD do Marillion, Angelina na cabeça.

# ILHAS SÃO TOPOS DE MONTANHAS

Três horas da manhã, meu corpo estava exausto, mas minha mente estava mais ativa do que nunca. Não ouvia mais o som alto que me ensurdecia, apenas a doce voz de Angelina: “Peter, vem! Dança comigo!” Sentia sua mão me puxando, como me levasse pra um lugar longe daqui. Era como se eu voasse através dela, invencível, conhecendo uma rota que eu nunca havia experimentado antes. Estava caminhando na mesma estrada que ela agora. Era a estrada que ela conhecia e amava e que eu sempre evitara – mas me sentia seguro na presença dela.

Seguro. Seguro pra me desfazer de todos os meus valores e viver os dela.

Dormíamos no fim da madrugada e acordávamos no meio da tarde. Enquanto ela me trazia coisas novas, eu buscava tirar proveito de toda aquela situação pra ser alguém que nunca tinha sido antes. Tinha abandonado meu emprego, me afastado dos amigos, que ligavam perguntando onde eu havia me metido e eu dizia que o trabalho estava ocupando muito o meu tempo. Não importava. Estava completamente apaixonado por Angelina e ela por mim. Passávamos todo o nosso tempo juntos, loucamente. Intensamente.

Vivia o mundo de Angelina e ela pouco vivia o meu. “Somos tão diferentes, Peter”, dizia ela antes de uma tragada no baseado, que eu fazia de tudo pra aceitá-lo. O grande mal – ou não – do amor é agir com o coração, nunca com

a razão. “Minha razão pede que eu te traga à minha estrada, Angelina”. “Somos diferentes, Peter. Minha estrada talvez um dia se encontre com a sua”, retrucava ela. “Sou uma mulher que vive a noite. Passo dias em claro. Jogo-me de costas na rede, e você é a minha rede. Te amo por isso”. “Eu também te amo, anjo”, respondi.

Caminhava só pela cidade, com a mente rodeada em pensamentos. O jornal esportivo estampava na capa a vitória do meu time de coração. Entrei na banca, peguei um exemplar, paguei o jornaleiro. Li a matéria e sorri, logo eu que acompanhei o time o campeonato inteiro e perdi justo os últimos jogos! Comecei a folhear revistas e jornais que estavam espalhados pela banca. Estava totalmente desatualizado da realidade. Livros, filmes, pessoas. Estava vivendo Angelina.

Mas Angelina não estava mais vivendo a mim. Ela se foi tão de repente quanto veio. Perdi meu chão. A cidade me mostrava, na capa do jornal, a vitória do meu time que eu não comemorei. Os livros que não li. Os filmes que não vi. “Mas nós nos amamos”, eu pensava como se vivesse em um sonho ruim. Mas o sonho tinha terminado. Olhava perdidamente para as pessoas, frias, que não me notavam. Coloquei-me a andar pela rua, em direção à minha casa. Os carros pareciam não me notar ali, andando no meio deles, que iam e vinham, seus faróis apontando pra mim, completamente abandonado. Sem Angelina.

# SOLIDÃO DO HOMEM EM SEU BARCO

O interfone tocava ininterruptamente desde às dez da manhã. Não queria me levantar do chão frio em que estava deitado desde a noite anterior. O som da televisão me fazia companhia: um programa chato de uma mulher com um sotaque interiorano que ensinava uma receita de risólis de camarão para as amigas de casa. Bobagem! Hoje em dia não existem mulheres em casa nesse horário. Procurei o controle remoto, que estava em cima do sofá. Levantei-me do chão, me vi no espelho que ficava na sala de jantar. Estava barbudo, com o cabelo oleoso. Estava com fome. Desisti da televisão e me dirigi à cozinha. Um pedaço de pizza era a única coisa que tinha na mesa. Abri a geladeira, uma caixa de leite vazia fazia companhia para a garrafa d'água. O interfone tocou novamente. Atendi prontamente: "Alô? Estou bem, provavelmente tem um problema no meu telefone. Aproveita que você me acordou e mande já um técnico para consertá-lo". Não apareceu ninguém. Não aparecia ninguém há pelo menos dez dias. Ainda sentia fome.

Fui pro meu quarto e coloquei uma calça jeans surrada e uma camiseta que me deixava barrigudo. Saí do meu apartamento sem trancar a porta, "volto logo, não se preocupe". Cruzei,, no elevador com uma mãe e seus dois filhos que aparentavam oito e cinco anos. "Você viu a receita de risólis de camarão?" indaguei-a, que olhou assustada pra mim. Talvez fosse a barba.

Parei na recepção do prédio, cobrei o porteiro do técnico que ele deveria ter mandado ao meu apartamento. Caminhei pela calçada até a lanchonete mais próxima, “quero o lanche mais rápido que você faz, pra viagem, e uma Coca-Cola”. Comecei a sentir frio, a temperatura tinha caído naqueles dias e eu não tinha percebido, enfiei meus braços pra dentro da camiseta como um mendigo.

Voltei ao meu apartamento e ninguém havia me procurado. “Este telefone só pode estar com algum problema, não é possível que ninguém esteja atrás de mim. Não é possível que ela não tenha me procurado”. Ligava pra portaria irritado, e o porteiro me garantia que não havia nenhum problema com a minha linha telefônica. Decidi que eu mesmo consertaria aquele maldito telefone. Não queria precisar de mais ninguém.

Consertaria o telefone logo após fazer a barba. Não queria assustar mais ninguém no elevador. Devorei o lanche que já estava frio. Guardei o resto da Coca-Cola ao lado da caixa de leite vazia na geladeira.

Os dias passavam e nada novo acontecia. Peguei o telefone. Estava funcionando. “Finalmente consertaram, esses incompetentes”. Decidi que ligaria pra ela para explicar que o meu telefone estava quebrado, “por isso não consegui atender. Você me ligou, não?” Desisti da idéia. Pus-me a tomar um banho e trocar a minha roupa. Voltei pra frente da televisão, mudava de canal sem parar. Fui deixando o sono tomar conta do meu corpo, fechava os olhos e imaginava ela nua sobre meu corpo, sentindo seu cheiro, enquanto eu a acariciava. Acordava, ela sumia. Sentia ódio quando ela simplesmente ia, voltando à estrada dela. Queria que ela se afastasse dessas coisas superficiais,

que um dia iriam deixá-la para trás. “O tempo passa pra todos e você ficará sozinha”, pensava eu. Fechei novamente meus olhos. Ela não estava mais lá. Não sabia mais onde eu poderia encontrá-la. Estava sozinho.



# CASTANHAS

Caso um inglês olhasse pra mim, diria que eu perdi minhas castanhas. O que significa, em bom português, que eu perdi a minha cabeça. Essa nem Freud explicaria. Ou tentaria explicar, dizendo que eu estaria sofrendo um processo de regressão, um retorno a um modo de expressão mais infantil, um desenvolvimento anterior. Uma forma de aliviar a minha ansiedade, escapando da realidade e voltando ao meu comportamento de anos passados. Não encarando a realidade ou tornando-a aceitável, fantasiando pensamentos que te agradaram no passado. Minhas bolas de gude. A infância de qualquer ser humano é uma fortaleza, onde a sua única responsabilidade era a prova de matemática daquela professora brava que tinha nome de boneca russa. Minha realidade invisível me forçava a apoiar em algo que pudesse me reerguer. Lembro-me que, quando criança, eu brincava nos intervalos das aulas com bolas de gude, apostava minhas jóias que cuidava com todo o cuidado. Talvez nessa época eu sentisse uma confiança que há muito não sinto.

Havia acontecido muita coisa. O frio que eu nem vi chegar já estava indo embora. Decidi que precisava dar um rumo na minha vida solitária. Conviver com a perda não estava sendo fácil, por isso me indicaram um psicanalista que inventava de perguntar sobre a minha infância toda maldita vez que eu aparecia por lá. Eu dizia algumas coisas e inventei outras, ele mexia a cabeça, “sim, sim”,

e anotava algo que eu acreditava que fosse sobre mim - deixava o cheque na mão dele após a sessão e voltava pra minha casa. “Pelo menos está fazendo algo”, diziam meus amigos sem indagar se aquilo tudo me faria bem. Voltei a prestar atenção nas coisas que aconteciam ao meu redor, nas estrelas e na Lua, na brisa que despenteava o meu cabelo. A falta que eu sentia de Angelina foi substituída por uma grande sensação de frustração e ódio, afinal ela fazia parte das minhas roupas, dos aromas, dos sons, estava embaixo da minha pele. Agora só me restavam as bolas de gude.

# CAIXA DE PANDORA

Caminhar de madrugada acabou se tornando uma rotina na minha nova vida. O ar frio, pessoas na penumbra, comércio fechado – exceto por um punhado de bares lotados de jovens bêbados –, postos de gasolina e restaurantes sofisticados. A rua me chamava a atenção. Um silêncio perturbador na cidade que dormia mesmo com aqueles que insistiam em continuar acordados. Eu havia mudado. Meus valores haviam se transformado, e isso me amedrontava. Uma nova pessoa havia surgido tão rápido como se todo o seu passado tivesse se perdido.

A madrugada me trazia conforto. Não precisava encarar ninguém na sombra da escuridão noturna. As caminhadas me levavam a novos lugares, ou talvez não fossem assim tão novos, eu simplesmente não estava reconhecendo-os dessa perspectiva. Mas aquela madrugada me levou a um lugar que eu conhecia muito bem. Reconheci vozes que vinham pelas minhas costas, virei-me pra dar um rosto a elas. O rosto me encarou e logo tornou a virar a cara pro outro lado, entretido com o outro rosto. Estava em frente ao mesmo lugar em que voei com ela pela primeira e última vez, e sabia que ela poderia estar lá também. Não iria entrar; seria incapaz de encará-la e dizer “tá tudo bem, e com você?” Ela me deixaria totalmente exposto com um olhar. Fiquei andando, às vezes trotando entre uma esquina e outra, talvez pudesse vê-la sem que ela me visse. Queria

dizer a ela que mudei – e agora não era por sua causa –, que isso se tornou natural em mim. Queria que ela enxergasse o novo homem que eu me tornei, mais seguro e decidido. Mas eu sabia que era mentira. Desisti. Ela teria de ver isso naturalmente em mim, sem explicações, sem sorrisos envergonhados, sem olhares perdidos. Pus-me a andar madrugada adentro, dando costas àquilo que já não fazia mais parte do meu presente. Ergui a cabeça e continuei. Acredito que ela tenha me visto, nessa ou naquela madrugada, provavelmente acenou pra mim e eu não percebi, ela estava invisível agora. Ela já não poderia me dar mais nada, pois já havia me dado a chave para abrir minha caixa de Pandora.

# INFÂNCIA ETERNA

“É fato: ninguém sabe do que realmente precisa até encontrar. É uma necessidade básica de todo ser humano, ser encontrado, ser amado. Ser amado e amar, eternamente. Costumamos fazer promessas de amor eterno pra aquela pessoa que você conheceu aquela noite numa mesa de bar, altas horas da madrugada. Planos eternos que transcendem à própria vida, a mesma vida que abrimos mão para ser alguém através daquela que amamos, através dos seus olhos, da sua pele, do seu gosto. Buscamos sempre a vida eterna, a infância eterna, o amor eterno, e nos enganamos, tolos. Não existe fórmula mágica para a eternidade em nada. Estou sendo chato?”

As pessoas olharam pra mim, olharam em volta, pegaram suas bebidas e saíram. Estava no bar do aeroporto, onze e quinze da manhã, vôo atrasado, mala despachada, aguardando a chamada: *Delayed*. Atrasado. O gelo do meu uísque já tinha derretido, chamei o garçom, que não me parecia estranho. “Duas pedras de gelo, por favor”. Fiz cara que iria falar com ele, que de imediato tornou a atender outras pessoas que chegavam pra pedir suas bebidas. *Delayed*. Levantei-me com meu casaco enrolado em um dos meus braços e meu copo de uísque na mão. Cheguei ao guichê de informações, tentei perguntar pelo vôo, se havia alguma previsão, mas não fui ouvido. Sentei-me rodeado de pessoas que estavam na mesma posição que eu, *delayed*, e espero.

Se eu não sabia o que procurava, também Angelina não sabia quando me encontrou. Um homem invisível, solitário. Um homem disposto a amá-la, a tornar-se alguém ao ouvir um sussurro, ao dizer simplesmente “Você não esta mais só e eu não me sentia mais só por simplesmente saber de sua existência. Procurava a eternidade ao seu lado, mas a única coisa que será eterna é essa marca que hoje existe dentro de mim”. O amor de Angelina criou em mim algo que às vezes dói, às vezes traz uma boa lembrança. E acredito que meu amor também deixou uma marca dentro dela. Vivemos racionalmente, amamos incondicionalmente. E irracionalmente nos separamos, marcando nossos corações com cicatrizes que ficam pra sempre.

Meu vô finalmente foi chamado. Em poucos minutos, uma fila se formou em frente ao mesmo guichê onde antes parei pra pedir informações. Deixei o copo de uísque numa mesa onde ficavam cinzeiros e jornais lidos. Coloquei o casaco e retirei o *ticket* do bolso. Esse era meu vô, diferente dos últimos que tinha feito, aqueles que eu fazia quando ela segurava firme em minha mão e fãmos pra bem longe, para um lugar só nosso, e que nunca mais seria visitado novamente. A fila andava devagar, um princípio de confusão com uma pessoa que tentou furar a fila e que se dizia autoridade. Preferia que a fila andasse mais devagar, não queria entrar naquele vô porque esperava que, de algum lugar, Angelina viesse correndo, me abraçaria e pediria que eu não partisse, pois ainda me amava, e muito. “Meu coração é seu, Angelina, mas sei que não virá. Seu amor está aqui, guardado dentro de mim. E permanecerá assim”.

Palavras do homem invisível.



**mojo**  
BOOKS

[www.mojobooks.com.br](http://www.mojobooks.com.br)